

Editorial

Este número da Revista Parallaxe traz os textos apresentados no IV Simpósio de Estética: Impulso criativo, realizado na PUCSP de 16 a 18 de Maio de 2016. O tema do impulso criativo - para usar as palavras de Klee- é o que colocamos como tema desse simpósio, um tema que pode ser discutido do ponto de vista da psicanálise como correlato da pulsão, como causa de um produto como a obra de arte, ou do ponto de vista analítico. Porém não há o que nos permita definir com palavras claras o que é que antecede esse ato criativo.

Hoje em que muito discutimos a validade, os critérios de juízo, a qualidade do que se convencionou chamar de arte contemporânea, permanece ainda a pergunta sobre o que leva alguém a buscar produzir arte.

Estamos munidos de instrumental que nos possibilita avaliar a prática artística moderna: seus elementos constitutivos são verificáveis objetivamente e se conformam a certas regras imutáveis, segundo Greenberg. Ainda segundo esse crítico, na modernidade a arte usa de métodos próprios para criticar a si mesma com vistas a afirmar-se em sua área de competência e não para a subvertê-la. Está aqui em discussão, paralelamente à questão que nos colocamos, a produção da arte moderna, que tem suas especificidades em relação a outros períodos. Porém mesmo afirmando que a arte moderna busca a transgressão e que essa transgressão se dá segundo certas chaves, tal afirmação não responde à pergunta sobre esse móvel, essa motivação que leva alguém a produzir arte e que se distingue também das motivações pelas quais uma arte é bem recebida e avaliada.

Podemos nos referir ao que significa esse impulso em outras épocas nas quais ele nem mesmo foi assim tão importante. Mas nossa referência central é a produção artística atual. Ele ainda é importante hoje? Será que, como dizem alguns críticos contemporâneos, a arte moderna da qual ainda somos herdeiros fecha o tema do impulso criativo – e tal afirmação vai na direção contrária das palavras de Klee com que iniciamos este texto – na medida em que esse tema,

conforme esses críticos, parece ser mantido separado das conexões a contextos sociais? Podemos reconhecer que há um processo de criação que independe desses contextos, mas que ocorre mediado por eles?

Os textos aqui apresentados, com exceção do texto da professora Carla Milani Damião, são os textos apresentados no simpósio, e que atenderam a esse convite.

Em seu artigo *A Realistic Constraint on Authorial Creativity*, Stacie Friend, conferencista no IV Simpósio, defende a existência de limites para a criatividade dos autores de histórias, e esse limite esse que funciona como ponto de partida para autores e leitores. Antonio Rogério Toscano traz em seu artigo a discussão sobre práticas de criação coletivas no teatro contemporâneo a partir da obra de Georg Büchner. Ao afirmar que o “processo criativo para as artes cênicas contemporâneas deve convocar, necessariamente, o encontro de desejos e saberes, vontades e articulações poéticas, que se atrimem em ensaios, experimentações e formalizações produzidas em contexto múltiplo, multidisciplinar e grupal”, enfatiza o caráter coletivo da criação.

Adilson Pereira nos traz em *Palavra e Imagem em Agostinho* uma reflexão sobre essa relação acerca da qual também nos perguntamos ao propor o tema do itinerário das reflexões de Agostinho que entende a palavra e a imagem como forma de conduzir a uma transcendência. Esta relativa ao mundo das imagens estaria relacionada ao uso da palavra e essa seria a mediação para as descobertas que ocorreriam no interior da alma.

Carla Milani Damião nos traz uma reflexão a partir de Walter Benjamin sobre o aspecto lúdico afirmando que este constitui uma importante fonte de constituição das figuras do herói e do anti-herói. O texto, embora não o que foi apresentado por Carla Damião no IV Simpósio traz elementos para se pensar a composição de personagens segundo a influência de elementos da cultura em que se encontra o autor, e de sua época histórica.

Renata Camargo Sá traz por sua vez reflexão sobre a presença do tema do Amor compassivo em pinturas realizadas nos séculos 14 e 15 e sua ausência no período moderno. Defende que essa ausência se relaciona com a desumanização da vida nesse período. Afirma que “a suspensão de temas substanciais como o universal, o infinito e a verdade, temas demasiadamente humanos, tendo em vista que só a humanidade fora capaz de concebê-los, é sintomática da desumanização da vida que também tornou irrepresentável um sentimento tão profundamente humano, o mais humano de todos, pois responsável pelo desenrolar de nossa cognição, como o amor compassivo”.

Apresentamos ainda neste número dois artigos: Fernando Silva Machado propõe a discussão de dois conceitos importantes da filosofia poética de Gaston Bachelard, solidão e instante vertical. Conclui que “é pelo poder catártico da linguagem, tanto na ciência quanto na poesia, que estamos inclinados a acreditar que o caráter de completude de sua obra foi conquistado pelo distanciamento dinâmico e intensivo entre os polos ambivalentes de sua filosofia”. Por fim, o texto de J. Flávio Ferreira no qual o autor pretende “questionar a crescente utilização do conhecimento genético na construção da realidade”. A partir da discussão de obras baseadas na ficção científica como Gattaca. Para autor a ficção “tem muito a oferecer à teoria social. É da liberdade analítica na ficção que a ciência pode ser revisitada”, e desse modo estabelece uma conexão entre ciência e arte por meio da criação.

Sônia Campaner